REVISTA DE ARQUEOLOGIA

Volume 36 No. 1 Janeiro - Abril 2023

ONDE ESTÃO AS QUADRÍCULAS? A DECAPAGEM MECÂNICA E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O ESTUDO DE UNIDADES DOMÉSTICAS NO CONTEXTO DA ARQUEOLOGIA PREVENTIVA*

Bruno de Souza Barreto**

Daiane Pereira***

RESUMO

A partir dos anos 1980, a arqueologia de unidades domésticas surge como uma abordagem alternativa aos tradicionais modelos evolucionistas de escala regional. À medida que novas perguntas começaram a ser formuladas, houve a necessidade de modificar as estratégias de escavação, que passaram de pequenos cortes estratigráficos para a abertura de áreas amplas. Em diversos locais do mundo, o uso de maquinário pesado na abertura de áreas muito amplas se tornou uma prática comum em pesquisas de arqueologia preventiva e acadêmicas, permitindo o estudo de casas e outras estruturas de habitação no nível do assentamento. Apresentamos aqui uma experiência bem-sucedida em um sítio associado à Tradição Aratu, em que discutimos a relevância desse tipo de abordagem para uma arqueologia de unidades domésticas no Brasil.

Palavras-Chave: arqueologia de unidades domésticas, decapagem mecânica, arqueologia preventiva.

^{*} Artigo Premiado na VII edição do Prêmio Luiz de Castro Faria, concedido em 2019 pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan).

^{**} Universidade de São Paulo, Museu de Arqueologia e Etnologia. E-mail: barretobrunosb@gmail.com. ORCID: https://orcid.org/0000-0002-9166-3875.

^{***} Universidade Federal de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Antropologia. E-mail: daianepereira.dp@gmail.com. ORCID: http://orcid.org/0000-0002-7998-4836.

WHERE ARE THE SQUARES? LARGE-SCALE EXCAVATIONS AND THEIR CONTRIBUTIONS TO THE APPROACH OF A HOUSEHOLD ARCHAEOLOGY IN THE CONTEXT OF RESCUE ARCHAEOLOGY

ABSTRACT

From the 1980s onwards, household archeology emerged as an alternative approach to traditional regional-scale evolutionary models. As new questions began to be raised, modifying excavation strategies was necessary, which moved from small stratigraphic cuts to the opening of wide areas. In many parts of the world, the use of heavy machinery for excavating wide areas has become a common practice in rescue and academic archaeological research, which allowed the study of houses and other domestic features/structures at the settlement level. We present here a successful experience carried out in a settlement associated with the Aratu Tradition, in which we discuss the relevance of this type of approach to a household archaeology in Brazil.

Keywords: household archaeology, large-scale mechanized excavations, rescue archaeology.

¿DÓNDE ESTÁN LOS CUADRADOS? EL DECAPADO MECÁNICO Y SUS APORTES AL ESTUDIO DE LAS UNIDADES DOMÉSTICAS EN EL MARCO DE LA ARQUEOLOGÍA PREVENTIVA

RESUMEN

Desde la década de 1980, la arqueología de las unidades domésticas surgió como un enfoque alternativo a los modelos evolutivos tradicionales a escala regional. A medida que se plantearon nuevas preguntas, surgió la necesidad de modificar las estrategias de excavación, que pasaron de pequeños cortes estratigráficos a la apertura de amplias áreas. En muchas partes del mundo, el uso de maquinaria pesada en la apertura de áreas muy amplias se ha convertido en una práctica común en la investigación de arqueología académica y preventiva, lo que permite el estudio de casas y otras estructuras de vivienda a nivel de asentamiento. En este texto presentamos una experiencia exitosa en un yacimiento asociado a la Tradición Aratu, a partir del cual discutimos la relevancia de este tipo de abordaje para una arqueología de las unidades domésticas en Brasil.

Palabras Clave: arqueología de las unidades domésticas, decapado mecánico, arqueología preventiva.

OTO

INTRODUÇÃO

A indagação "Onde estão as quadrículas?" é uma das muitas perguntas que arqueólogos e não arqueólogos têm realizado ao apresentarmos a proposta e os resultados da pesquisa desenvolvida no sítio arqueológico Oiterinho, localizado no norte do Espírito Santo. A curiosidade sobre a metodologia tem sido generalizada, o que nos incentivou escrever este texto, com o intuito de extroverter nossa experiência como uma alternativa positiva na preservação do patrimônio arqueológico no âmbito da arqueologia preventiva.

Resultado de anos de dedicação ao tema, com experiências semelhantes desenvolvidas também na região amazônica (BARRETO, 2015), partimos de uma reflexão epistêmica da disciplina arqueológica, sobre *por que e como escavar?* Essas duas principais perguntas estão relacionadas às muitas novas questões que começaram a ser formuladas para o registro arqueológico, gerando a necessidade da criação de novas estratégias de escavação e preservação. Utilizamos essas indagações para observar de forma crítica a normatização metodológica existente na arqueologia brasileira, em especial, na arqueologia preventiva, que representa mais de 90% das portarias de pesquisa publicadas pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

A crítica dá lugar a uma proposta, com a apresentação contextualizada de escavações de áreas amplas realizadas por meio das técnicas de decapagem mecânica e a importância desses estudos para compreensão de diferentes informações dos contextos arqueológicos. Como arcabouço teórico do estudo, discorremos inicialmente sobre a *Household Archaeology* e o seu potencial para abarcar outras dimensões de variabilidade no registro arqueológico.

A chamada *Household Archaeology* surge como uma abordagem alternativa aos tradicionais modelos evolucionistas de escala regional. Ao privilegiar os estudos intra-sítio nos mais diversos contextos, a arqueologia de unidades domésticas, como iremos chamá-la em português, ofereceu novas possibilidades para abordar a vida cotidiana de populações pretéritas. Reduzir o nível de análise para o estudo de habitações e assentamentos permitiu aos arqueólogos discutir "pequenas histórias" e compreender em que medida as atividades desempenhadas pelas pessoas no espaço doméstico poderiam explicar processos de mudança e evolução cultural em larga escala (GERRITSEN, 2004, p. 143).

Embora tenha sido constituída a partir de críticas às explicações regionais de padrão de assentamento, este subcampo da arqueologia emergiu no âmbito do paradigma processualista como resultado de um maior interesse pelas análises espaciais. A padronização espacial de vestígios e seu potencial para explicar aspectos econômicos (SEIBERT, 2006, p. 15) revelou uma dimensão até então inexplorada pela arqueologia histórico-cultural: a de estabelecer regularidades transculturais replicáveis a diversos contextos.

Nesse âmbito, as escavações em área ampla também tiveram um papel preponderante ao fornecer um impulso inicial para o desenvolvimento desse tipo de abordagem, especialmente na Mesoamérica, nos Estados Unidos e na Europa (FLANNERY, 1976; PLUCKHAHN, 2010; TRINGHAM, 2001). Em diversos locais do mundo, por exemplo, a abertura de áreas muito amplas com uso de maquinário pesado se tornou uma prática comum em projetos de arqueologia preventiva e pesquisas acadêmicas (DEMOULE, 2012; HILDEBRAND, 2008; HOFMAN; HOOGLAND, 2016; KUNA; SMRZ, 2012; MILISAUSKAS, 1972, 1973, 1976; SOUDSKÝ, 1962; ROSTAIN; VERSTEEG, 1997; VACHER et al., 1998; VAN DEN BEL, 2007, 2011; WOLLÁK; RACZKY, 2012), até mesmo antes do que se convencionou chamar de "Household Archaeology".

Na arqueologia brasileira, porém, escavações em áreas muito amplas com o emprego de maquinário são muito raras. Algumas das experiências conhecidas foram realizadas na Amazônia sob

a designação do termo "decapagem mecânica¹", mais especificamente para o salvamento de sítios précoloniais no Estado do Amapá (BARRETO, 2015; CABRAL *et al.*, 2013a, 2013b, 2013c; SALDANHA; CABRAL, 2009a, 2009b, 2013; SILVA, 2016). A única exceção a esses casos citados foi realizada durante atividades de arqueologia preventiva no norte do estado do Espírito Santo, que é o objeto principal desta discussão.

Ao levantar esse debate, este artigo tem o objetivo de discutir a importância de escavações de áreas muito amplas, com uso maquinário pesado, para abordar a vida cotidiana das populações pretéritas a partir de outras dimensões de variabilidade no registro arqueológico. Além das tecnologias cerâmica e lítica, que tem sido os principais vestígios estudados na arqueologia brasileira², olhar para as estruturas de habitação (as casas e seus vestígios associados) pode ser um novo caminho para discutir velhos problemas de pesquisa, tais como as identidades e fronteiras culturais na história pré-colonial indígena.

Dessa forma, apresentaremos a pesquisa realizada no sítio Oiterinho, um assentamento précolonial com cerâmica associada à Tradição Aratu, implantado no norte do Espírito Santo. O trabalho foi desenvolvido à luz das discussões da arqueologia de unidades domésticas e da constante inquietação neste tipo de estudo, com a pergunta 'por que e como escavar?'.

ESCAVAÇÃO ARQUEOLÓGICA: POR QUE E COMO ESCAVAR?

Algumas das questões que os arqueólogos se deparam ao pensar sobre estratégias para abordar um sítio arqueológico são por que e como escavar? Embora tais indagações sejam necessárias a qualquer pesquisa, o incremento da arqueologia preventiva no país tem demonstrado um descompasso entre os trabalhos realizados e as reflexões sobre nossas práticas de campo. Nos últimos anos, temos observado uma replicação irrefletida de métodos e técnicas uniformizadas, em sítios e contextos muito distintos, sem problematizar peculiaridades e a produção de resultados que possam responder perguntas relevantes.

Ao realizar essa crítica, consideramos que não existem metodologias melhores do que outras, mas sim abordagens mais adequadas, ou menos adequadas, para responder os problemas de pesquisa levantados. Essa reflexão é necessária para compreendermos que ao decidirmos como escavar um sítio arqueológico, devemos primeiramente nos indagar: Por que o escavaremos? Quais dimensões da vida social desejamos entender? Quais perguntas faremos para o registro arqueológico?

Tais indagações jamais devem ser dissociadas dos aspectos epistemológicos da nossa disciplina, isso, porque cada paradigma teórico requer meios diferentes para abordar o registro arqueológico. Um arqueólogo ou uma arqueóloga histórico-cultural poderia definir uma cultura arqueológica a partir de algumas cerâmicas coletadas em cortes estratigráficos de apenas três sítios, enquanto outro(a) processualista já estaria interessado(a) em entender processos de adaptação ecológica através da distribuição de sítios em uma região ou estudar a mudança cultural por meio de uma análise espacial dos assentamentos.

Essa reflexão pode parecer incoerente quando pensamos na arqueologia preventiva, tendo em vista que a maioria dos projetos são executados à grande velocidade e as motivações para escavar um sítio correspondem basicamente à necessidade de pesquisá-los antes de sua destruição pelos empreendimentos que serão implantados. No entanto, acreditamos que a arqueologia preventiva pode ser articulada de forma a responder problemas de pesquisa, ou mesmo para realizar abordagens que ainda não foram desenvolvidas para uma determinada região.

_

¹ Esse termo é oriundo da designação francesa "decapagem à la pelle mecanique a godet lise" (VACHER et al., 1998).

² A arqueologia brasileira tem mudado bastante nos últimos anos. Outros campos de pesquisa, tais como a arqueobotânica e a bioarqueologia, tem tomado bastante espaço. Porém, as pesquisas voltadas para análises de coleções cerâmicas e líticas ainda são uma grande parte do escopo da arqueologia feita no Brasil.

No caso do Brasil, o método de escavação por quadrículas de 1x1m, com níveis artificiais de 10 m, tem predominado na maioria das pesquisas de arqueologia preventiva. Pouca atenção tem sido dada para feições (estruturas negativas) e outras estruturas de habitação, enquanto as tecnologias cerâmica e lítica tem sido os principais elementos considerados na construção do passado pré-colonial.

Para avançarmos em direção a uma arqueologia de unidades domésticas no Brasil, é preciso considerar outras dimensões de variabilidade no registro arqueológico, inclusive nos estudos realizados no âmbito do licenciamento ambiental. Uma dessas dimensões é o estudo da planta baixa das casas e o *layout* dos assentamos. Esses elementos, articulados com a materialidade doméstica, sepultamentos, análises de solo, macro e micro vestígios botânicos, podem oferecer uma ampla gama de possibilidades para (re)construir os modos de vida no passado.

Contudo, evidenciar a planta baixa de casas e o *layout* de assentamentos requer a abertura de áreas muito amplas, o que é inviável se pensarmos em termos de escavações com quadrículas de 1m² em níveis artificiais de 10 cm. Sobretudo no âmbito da arqueologia preventiva, é necessário explorar o máximo do potencial informativo que os assentamentos podem nos oferecer. Para isso, a metodologia baseada no emprego de maquinário pesado, mais conhecida na arqueologia francesa como como decapagem mecânica³ (VACHER *et al.*, 1998), constitui a melhor estratégia de escavação para uma abordagem do espaço doméstico.

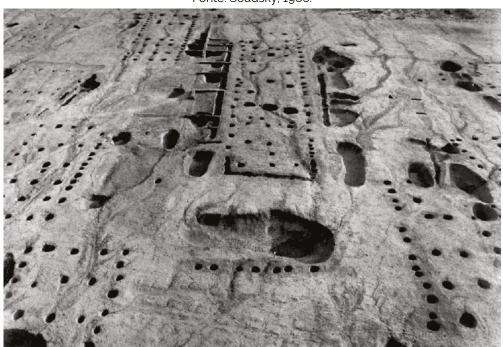


Figura 1. Primeira campanha de escavação do sítio Bylany, entre 1955 e 1964. Fonte: Soudský, 1966.

A decapagem mecânica é uma técnica que consiste basicamente no emprego de uma escavadeira equipada com uma lâmina lisa para realizar retiradas de solo controladas, entre 2 a 8 cm, sem prejuízo de fazer buracos e destruir os contextos de deposição. Na Europa, o emprego de maquinário pesado resultou em um salto qualitativo de escavações antes restringidas à pequenos cortes estratigráficos para a abertura de áreas muito amplas, o que permitiu aos arqueólogos estudarem grandes assentamentos no nível de análise da 'comunidade', compreendendo as atividades cotidianas permeadas em cenários específicos.

-

³ Décapage à la pelle mécanique à godet lisse (VACHER et al., 1998).

Essa estratégia foi utilizada pela primeira vez na década de 1950, na antiga Tchecoslováquia, em um importante sítio do período neolítico associado à cerâmica LBK (*LinearBandKeramik*, ou *Linear Pottery Culture*). Durante nove anos, uma equipe coordenada por Bohumil Soudsky (1962) abriu uma área de 7 hectares no sítio de Bylany, na Bohemia, revelando a planta baixa de diversas casas e uma variedade de estruturas associadas (Figura 1). Ainda hoje, esse sítio permanece sendo como o de maior área escavada na região da Bohemia.

Escavações amplas também foram realizadas nos anos 1960 em Olszanica, um sítio neolítico situado na Polônia (MILISAUSKAS, 1972, 1973, 1976). Esse assentamento, também associado à cerâmica LBK, passou por quatro campanhas de escavação que resultaram em uma área aberta de 13.292 m². Nos anos 1970, esses métodos de escavação se difundiram na arqueologia preventiva Europeia. Na França, principalmente, houve um maior impacto das pesquisas realizadas no leste europeu (MALRAIN, 2008).

Nos Estados Unidos, as escavações também se tornaram bastante comuns, especialmente em projetos de arqueologia preventiva (PLUCKHAHN, 2010; VAN HORN et al., 1986;). No leste dos EUA, por exemplo, o acréscimo de pesquisas relacionadas às estruturas de habitação levou um grupo de arqueólogos a criarem um projeto chamado Eastern Woodland Household Archaeology Project, no qual são reunidos dados de plantas baixas de casas em todo o leste dos EUA, por meio de escavações em áreas amplas, geralmente com uso de maquinário pesado.

Na América Latina, essa metodologia vem sendo empregada com bastante sucesso no Caribe por arqueólogos ligados à Universidade de Leiden (HOFMAN; HOOGLAND, 2016; ROSTAIN, 1999; VERSTEEG) e na Guiana Francesa pelos pesquisadores do Inrap (HILDEBRAND, 2008; VAN DEN BEL, 2007, 2011) e outros (VACHER *et al.*, 1998). Já no Brasil, as primeiras escavações de áreas amplas com maquinário foram realizadas no Amapá por João Saldanha e Mariana Cabral (2008, 2009, 2011), tendo seus resultados efetivos demonstrados em dissertações e teses.

Apesar de sua eficiência no que se refere à quantidade de informação qualitativa obtida, aliada à maximização do tempo, este ainda não é um método difundido na arqueologia brasileira para abertura de áreas amplas. O uso de escavadeiras em outros contextos no Brasil geralmente esteve restrito à abertura de trincheiras e, na grande maioria dos casos, o maquinário não estava equipado com uma lâmina lisa soldada à concha (CALDARELLI, 2001; COSTA, 2009), o que dificulta o controle das escavações devido ao estriamento e desnivelamento do solo provocado pelos dentes da concha.

Além das escavações realizadas no Amapá por Saldanha e Cabral (2009a; 2009b; 2013), alguns exemplos do emprego de maquinário pesado em pesquisas arqueológicas no país podem ser encontrados em Mello *et al.* (1994; 1996), Caldarelli (2001) e Costa (2009), embora os objetivos e técnicas empregadas apresentem diferenças nítidas. No último caso citado acima, por exemplo, a retroescavadeira foi empregada apenas para a retirada de uma camada estéril que recobria o pacote estratigráfico arqueológico.

Este artigo é uma reflexão sobre os resultados do emprego dessa metodologia em uma ação pioneira no sudeste brasileiro, situada no contexto da Arqueologia Preventiva. Em 2018, por meio do estudo de prospecção e delimitação do sítio arqueológico Oiterinho, evidenciamos características nesse contexto que nos levaram a realizar uma escavação orientada por problemáticas da análise espacial e da *Arqueologia de Unidades Domésticas* no norte do Espírito Santo.

ANÁLISE ESPACIAL E A HOUSEHOLD ARCHAEOLOGY: DO REGIONAL PARA O INTRA-SÍTIO

Se olharmos para a produção arqueológica sob uma ótica historiográfica, vemos que a mudança teórica nos anos 1960 provocou uma transformação na maneira como os arqueólogos abordam o registro arqueológico. Se antes a nossa disciplina estava preocupada em descrever eventos e estabelecer cronologias regionais, passamos então a abordar o espaço a partir de diferentes escalas.

Podemos então considerar que o interesse pelas análises espaciais na arqueologia se desenvolveu paralelamente ao surgimento do processualismo. Entretanto, alguns estudos já haviam explorado suas

possibilidades anteriormente. Um dos trabalhos mais notáveis foi a pesquisa desenvolvida por Gordon Willey (1953) na região do vale do Virú, em que discutiu os padrões de distribuição dos assentamentos e o papel do ambiente natural na mudança dos sistemas culturais.

Apesar desse interesse dominante por abordagens voltadas aos padrões de assentamento em nível regional, nos anos 1970, na Inglaterra, David Clarke (1977) já advogava sobre a importância de se articular diferentes escalas de análise como forma de reconstruir os modos de vida pretéritos. Em *Spatial Archaeology*, por exemplo, ele estabeleceu três níveis de abrangência da arqueologia espacial, sendo esses o "micro", "semi-micro" e "macro", respectivamente correspondentes a "estruturas/feições", "intra-sítio" e "inter-sítio". Em cada um dos níveis, o autor elencou os aspectos que mais influenciam na variabilidade observada do registro arqueológico, sendo que os fatores "sociais e culturais" predominariam nas escalas "micro" e "semi-micro", enquanto os aspectos econômicos teriam maior peso na escala regional (CLARKE, 1977, p. 11-13).

Do outro lado do atlântico, Kent Flannery e outros arqueólogos provavelmente foram os primeiros a desenvolver abordagens espaciais que se assemelham ao que mais tarde foi explicitamente definido como *Household Archaeology*. Em "The Early Mesoamerican Village", além das escavações em área ampla terem evidenciado muitas plantas-baixas das casas, Flannery (1976) também empregou o conceito de *household* para abordar as atividades domésticas. No mesmo volume, *household* é definido por Flannery e Winter (1976, p. 25) como "um grupo de pessoas que interage e desempenha certas atividades" (tradução nossa). Em alguns contextos específicos, talvez a tradução mais adequada para o termo *household*, em português, poderia ser tomada como "Grupo Doméstico⁴". Esse, portanto, seria um fenômeno social cuja manifestação material é refletida nas casas e nos demais vestígios associados (ALLISON, 1999, p. 5; WILK; RATHJE, 1982).

Por meio das escavações em Oaxaca, Flannery e Winter (1976, p. 25) também definiu o conceito de *Household Cluster*, ou "Agrupamento Doméstico". Este último foi empregado como uma ferramenta analítica na compreensão dos padrões de distribuição de vestígios, cuja localização é demonstrada por agrupamentos da planta baixa das casas com outras feições. Para ser mais específico, Flannery e Winter (1976, p. 25) explica que um agrupamento doméstico consiste em "uma unidade doméstica e todos os poços de estocagem, enterramentos, lixeiras e outras feições no entorno que possam ser confiavelmente associados a ela" (tradução nossa).

Enquanto na arqueologia ocidental tais abordagens convergiam de forma mais ou menos homogênea, no leste europeu uma gama de pesquisas envolvendo habitações em sítios do neolítico vinha sendo desenvolvida desde a segunda metade dos anos 1950 (MILISAUSKAS, 1972, 1973, 1976; SOUDSKÝ, 1962), sobretudo, na antiga Tchecoslováquia⁵ e Polônia. Nos países do chamado "socialismo real", as escavações em áreas muito amplas possibilitaram evidenciar um número significativo de casas em assentamentos associados à cerâmica LBK (*Linear Band Keramik*, ou *Linear Pottery Culture*). Na Europa Oriental, esses projetos foram realizados a partir de 1955 em uma atmosfera política mais favorável à cooperação internacional, após a morte de Stálin (MILISAUSKAS, 2017, p. 132).

⁴ Por outro lado, Blanton (1994, p. 5) rejeita o termo "Grupo Doméstico" e argumenta que o conceito de household deve ser entendido como um grupo de pessoas co-residentes que compartilham o espaço cujas atividades cotidianas são realizadas, e participam da tomada de decisões. Já Souvatzi (2008, p. 9-20), que também rejeita o termo "Grupo Doméstico" por estar associado a uma concepção muito restrita do que é "Doméstico", afirma que o conceito de household não implica necessariamente em co-residência, co-sanguinidade, ou parentesco, mas sim no compartilhamento de tarefas cotidianas em um determinado espaço. Dessa maneira, pessoas poderiam viver em casas diferentes, não comporem a mesma parentela, mas compartilharem atividades em um determinado espaço, sendo esse construído ou não. Portanto, o termo household seria uma categoria iminentemente espacial.

⁵ No caso da Tchecoslováquia, as pesquisas no sítio neolítico de Bylany foram desenvolvidas de forma independente em relação à arqueologia realizada no ocidente capitalista.

As investigações no sítio Olszanica, por exemplo, tiveram a participação de arqueólogos da Universidade do Missouri (MILISAUSKAS, 2017, p. 133) e resultaram na escavação de mais de 15 casas, algumas com comprimento de até 40 metros (MILISAUSKAS, 1976, p. 31-33).

Embora essas pesquisas tenham sido as primeiras na Europa oriental a discutir atividades domésticas a partir de uma visão ampla das casas e assentamentos, as publicações dos anos 1960 e 1970 não mencionam os termos *Household* ou *Household Archaeology*. Uma explicação para isso, ao nosso ver, seria devido à natureza empirista da arqueologia realizada no leste europeu, em razão da imposição de uma versão deformada do marxismo ortodoxo como única abordagem epistemológica possível (KREKOVIČ; BAČA, 2013, p. 263, 268).

Por outro lado, até mesmo no ocidente a *Household Archaeology* só começou a ser tratada como um subcampo da arqueologia a partir do final dos anos 1970 e, mais explicitamente, a partir da década seguinte, com a publicação de Wilk e Rathje (1982). Os autores oferecem uma perspectiva de voltar-se ao particular como forma de entender as mudanças culturais a partir do estudo dos grupos domésticos, tendo em vista que esse nível de análise refletiria a "articulação direta de processos econômicos e ecológicos" de maior escala (WILK; RATHJE, 1982, p. 618).

Wilk e Rathje (1982, p. 617) entendem também que o estudo do nível doméstico poderia preencher as lacunas da "teoria de médio alcance", funcionando como uma ponte para explicação de processos sociais a partir de dados arqueológicos. É importante ressaltar que o "grupo doméstico" representa uma entidade social que pode ser acessada por meio do registro arqueológico e nunca deve ser confundida de forma simplista com os vestígios materiais das casas.

Esse postulado reflete a ideia de que o "grupo doméstico" consiste na existência de pessoas que desempenham atividades cotidianas, as quais geram um registro arqueológico que pode ser acessado a fim de reconstruir os modos de vida do passado. Ao colocar essa questão, Wilk e Rathje (1982, p. 620-621) argumentam que os arqueólogos não escavam os "grupos domésticos", mas apenas o registro material produzido pelas suas atividades. Esse, por sua vez, pode fornecer informações sobre as dimensões de produção, distribuição, transmissão e reprodução no passado. Para abordá-las, é preciso ter em mente que os aspectos materiais dessas atividades não são compostos apenas pelas casas, mas também pelos objetos de uso cotidiano que estão associados aos vestígios arquitetônicos⁶.

É notável que desenvolvimentos significativos da análise espacial e da *Household Archaeology* ocorreram incialmente com o surgimento da Nova Arqueologia nos anos 1960. Tais abordagens estavam voltadas para um entendimento funcionalista na relação do comportamento humano com o espaço construído, onde este último era entendido enquanto resultado de respostas adaptativas (SEIBERT, 2006, p. 15). Nesse contexto, estudos transculturais também foram enfatizados por intermédio de analogias do presente etnográfico com o registro arqueológico (KENT, 1987).

A partir do final dos anos 1980, com o surgimento da Arqueologia Contextual e suas críticas ao processualismo, questões referentes ao cosmos e à visão de mundo das sociedades estudadas passaram a ser levadas em consideração na construção do espaço social (BAILEY, 1990; BARRETT, 1994; PEARSON; RICHARDS, 1994), assim como as relações de poder, as estruturas sociais e questões de gênero (ALLISON, 1999; PLUCKHAHN, 2010; TRINGHAM, 2001). Dessa forma, as abordagens da *Household Archaeology* se diversificaram e hoje incluem uma gama de possibilidades que coexistem paralelamente com as abordagens funcionalistas mais tradicionais.

_

⁶ Os vestígios arquitetônicos, no caso da arqueologia pré-colonial brasileira, consistem em buracos de poste, paleosolos e aterros. A inexistência de estruturas positivas em certos contextos (como muros e fundações de pedra), não impede os arqueólogos brasileiros de estudarem a arquitetura das sociedades pré-colombinas, tendo em vista que esse aspecto pode ser acessado por intermédio de alinhamentos de buracos de poste que compõem a planta baixa das casas.

Nesta reflexão, nosso objetivo não consiste em discutir cada uma dessas abordagens detalhadamente, mas contextualizar o campo da Household Archaeology, com ênfase para as contribuições das escavações em área ampla com uso de maquinário pesado, método utilizado por nós no estudo apresentado neste artigo. Como a arqueologia de unidades domésticas requer a identificação de estruturas de habitação em larga escala, a maneira como os sítios são escavados é um ponto crucial para possibilitar esse tipo de abordagem.

Nesse sentido, a escolha de métodos e técnicas arqueológicas deve ser adequada à cada problema de pesquisa, de modo que seja possível responder às perguntas levantadas. No caso da arqueologia de unidades domésticas, por exemplo, as escavações precisam ser extensas o suficiente para identificar a planta baixa das casas e os padrões espaciais de organização do assentamento. Portanto, é nesse âmbito que o emprego da decapagem mecânica se mostra como a estratégia metodológica mais efetiva para discutir unidades domésticas no contexto da arqueologia preventiva, sendo capaz de trazer importantes contribuições para a disciplina arqueológica a partir de estudos realizados na esfera do licenciamento ambiental. É por meio dessa ótica que apresentamos a seguir a experiência desenvolvida no sítio arqueológico Oiterinho.

A EXPERIÊNCIA NO SÍTIO OITERINHO, NORTE DO ESPÍRITO SANTO

O sítio Oiterinho estava situado em um platô plano na margem direita do rio Cricaré, no município de São Mateus, Estado do Espírito Santo. Sua localização, em termos geomorfológicos, encontra-se exatamente na transição do terciário para o quaternário, sendo aquele o último platô de uma cadeia de tabuleiros que surge no interior e é interrompida por uma planície que segue até a costa. A margem do rio Cricaré é composta por uma planície aluvial extensa, onde é possível o fácil acesso à água (Figura 2). No local, estava prevista a instalação de um empreendimento residencial de aproximadamente 50 hectares e, portanto, a pesquisa foi realizada no âmbito da arqueologia preventiva.

O sítio já havia sido registrado junto ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). No entanto, seus limites não eram conhecidos e foi necessário realizar uma prospecção prévia a fim de orientar as estratégias de escavação para o resgate arqueológico.

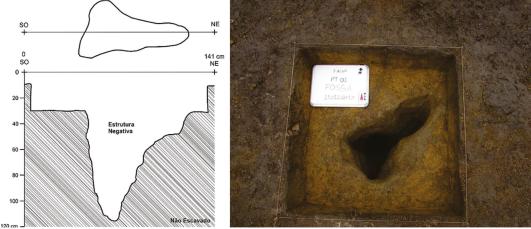
Durante a prospecção para delimitar o Sítio Oiterinho foi possível perceber que o contexto arqueológico encontrado na área do empreendimento era de alta densidade de artefatos, com presença de estruturas negativas (feições) que seguiam para o substrato geológico. Em um dos poços-teste abertos foi identificada uma estrutura de deposição cerâmica quebrada in situ, arranjada sobre a abertura de uma fossa. No centro da deposição, havia uma mancha escura com apenas alguns fragmentos cerâmicos erodidos, que após ser escavada demonstrou ser uma feição de quase 120 cm de profundidade (Figura 3).





Figura 3. À esquerda, perfil da estrutura negativa (feição) escavada após a retirada da deposição cerâmica. À direita, fotografia de topo da fossa situada abaixo da deposição.

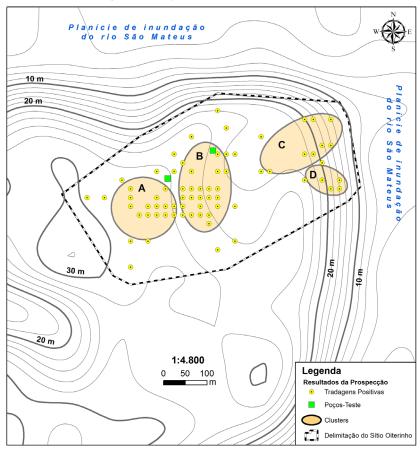
Fonte: Registro feito por Bruno Barreto e Daiane Pereira.



Tais estruturas são geradas pelas atividades cotidianas desempenhadas no assentamento e podem representar funções variadas, como descarte ou deposição de cerâmicas em fossas e a abertura de buracos para fixar postes de sustentação das casas. A evidência desse tipo de estrutura demonstra a presença de vestígios característicos de habitações indígenas, o que torna esse sítio especial pois assiná-la a possibilidade de estudarmos o assentamento com ênfase na compreensão das unidades domésticas.

Figura 4. Croqui de delimitação do sítio Oiterinho, com identificação das áreas com maior incidência de vestígios (clusters).

Fonte: Registro feito por Bruno Barreto e Daiane Pereira.



A prospecção possibilitou identificar as áreas de maior potencial arqueológico por meio de tradagens com espaçamento equidistante de 20 m. Com o auxílio de um teste estatístico-espacial para análise de *clusters*, utilizando o método *k-means*, os dados obtidos na prospecção foram utilizados para identificar os locais de maior concentração de vestígios. Esse teste foi empregado como uma ferramenta analítica para verificar a relação espacial entre as diferentes tradagens positivas de forma não hierárquica, no intuito de perceber agrupamentos que pudessem indicar áreas prioritárias para a escavação de salvamento arqueológico.

O teste estatístico se apresenta num padrão de agrupamentos delimitados por círculos, que são essenciais no estabelecimento de áreas de atividade: "Verifica-se que a análise k-means é útil na identificação de locais de atividades individuais e é também precisa no delineamento de áreas de atividade (tradução nossa)" (BLANKHOLM, 1991, p. 61). Por meio disso, foram identificados quatro clusters que representam as áreas de maior concentração de vestígios arqueológicos, denominados aqui de "A", "B", "C" e "D" (Figura 4).

Conforme demonstrado na Figura 4, os *clusters* A e B representam os locais de maior concentração de vestígios e por este motivo foram as áreas escolhidas como prioritárias para condução do salvamento arqueológico. Os *clusters* C e D apresentam tradagens com presença de vestígios. Porém, a maior parte delas está situada em áreas de declividade ou alagadiças e, portanto, demonstram um contexto de escoamento do material arqueológico em decorrência de processos erosivos percebidos na área durante o campo. Por este motivo, as áreas "A" e "B" foram privilegiadas para a escavação.

Antes das escavações com maquinário foi efetuada a abertura de seis unidades de 1 × 1 m distribuídas ao longo da área do sítio. Esses poços-teste forneceram informações relevantes sobre a estratigrafia do sítio e a distribuição dos vestígios em cada nível artificial de 10 cm.

Figura 5. Detalhe da adaptação feita na concha da máquina, com soldagem de uma chapa lisa. Fonte: Registro feito por Bruno Barreto e Daiane Pereira.



Após termos uma noção da estratigrafia do sítio em diferentes pontos, a escavação foi realizada por decapagem mecânica, com a abertura de áreas muito amplas que alcançaram 1418 m². Para isso, a concha da máquina foi equipada com uma chapa lisa soldada a ela para neutralizar a ação dos dentes do equipamento, o que resulta no maior controle das decapagens de modo a efetuar retiradas uniformes na camada arqueológica, por meio da raspagem do solo. Para otimizar sua execução operacional, a lâmina de metal soldada à concha da máquina ultrapassava as dimensões dessa última, alcançando 1,90 m de largura por 41 cm de altura. Nas laterais e na parte superior, outras três chapas foram soldadas para formar uma nova concha lisa e evitar que o solo escapasse a cada retirada, prejudicando assim a visibilidade das feições (Figura 5).

De modo a evidenciar a ocorrência e distribuição espacial desses vestígios, a escavação por decapagem mecânica retirou gradativamente o solo antropogênico até o topo das estruturas negativas, ou até encontrar alguma deposição cerâmica na camada antropogênica de solo escuro. Com isso, o solo arqueológico foi raspado pela concha lisa em camadas de 2 a 8 cm de espessura, sempre com o acompanhamento do arqueólogo, que observava o solo para identificar estruturas arqueológicas e feições na interface entre a camada antrópica e o latossolo, assim como deposições cerâmicas situadas no próprio nível da camada antropizada.

Nesse resgate, não foi utilizada uma malha de quadrículas predefinida para escavação e registro espacial dos vestígios. Para isso, o material arqueológico fragmentado na camada escavada com máquina foi coletado de acordo com a sua localização em cada trincheira aberta com a pá mecânica, cujo nome adotado para referência foi o termo "Unidade de Coleta". Todas as peças foram referenciadas às Unidades de Coleta (UC) onde foram encontradas, identificadas nos sacos conforme sua proveniência.

Cada UC⁷ recebe uma numeração sequencial e suas dimensões correspondem à largura da lâmina lisa e o alcance máximo do braço da máquina para realizar as raspagens (2 m × 3,5 m). A cada decapagem da máquina, o arqueólogo verifica a presença/ausência de estruturas e coleta todo o material arqueológico (Figura 6a). Para assegurar as informações espaciais de cada UC, foram colocados piquetes identificadores nos pontos centroides, posteriormente registrados com a estação total, de forma semelhante ao que foi feito com as estruturas escavadas manualmente. À medida que a decapagem mecânica vai retirando o solo antrópico, a atenção para a evidência de estruturas e feições é redobrada. O arqueólogo acompanha cada movimento da máquina, fazendo também raspagens manuais com a colher ou enxada, a fim de ter maior controle e nitidez na delimitação das feições (Figura 6b).

Figura 6. Diferentes etapas da escavação com maquinário. a) decapagem mecânica e coleta do material disperso na camada arqueológica; b) limpeza manual da estrutura/feição de buraco de poste com colher; c) marcação da feição de uma estrutura de combustão com laterita, para posterior escavação manual; d) limpeza da terra solta após a raspagem da lâmina lisa.

Na maioria das vezes, as manchas estratigráficas que representam os buracos de poste e fossas só foram visíveis na interface com o latossolo. Em outras ocasiões, as estruturas negativas já eram perceptíveis em meio ao solo escuro antropizado, o que acontece especialmente no caso de fogueiras, cuja presença de carvão concentrado em maior quantidade dá um aspecto mais escuro do que o seu entorno (Figura 6c).

Ao identificar uma possível estrutura arqueológica, a escavação por decapagem mecânica foi imediatamente interrompida para escavação manual dos vestígios com instrumentos leves, em níveis artificiais. As estruturas identificadas foram inicialmente demarcadas com uma colher descartável branca

_

⁷ Sigla abreviada para corresponder ao termo "Unidade de Coleta".

fincada no centro da mancha estratigráfica, para ser posteriormente escavada conforme demandado. Nesse esquema metodológico, é fundamental que a equipe esteja organizada em duas frentes de trabalho. Uma primeira é composta pelo arqueólogo coordenador, que acompanha integralmente o maquinário com a ajuda de auxiliares de campo para fazer a limpeza. A segunda frente é composta por arqueólogos que desenvolvem as escavações manuais das estruturas identificadas, sempre em níveis naturais (Figura 6d).

Para as deposições cerâmicas que estavam situadas totalmente na camada antropogênica de terra escura, foram deixados blocos como testemunhos para serem escavados posteriormente (Figura 7).

Figura 7. Testemunhos deixados para escavação manual das estruturas cujo material estava evidente antes da interface com o latossolo.

Fonte: Registro feito por Bruno Barreto e Daiane Pereira.



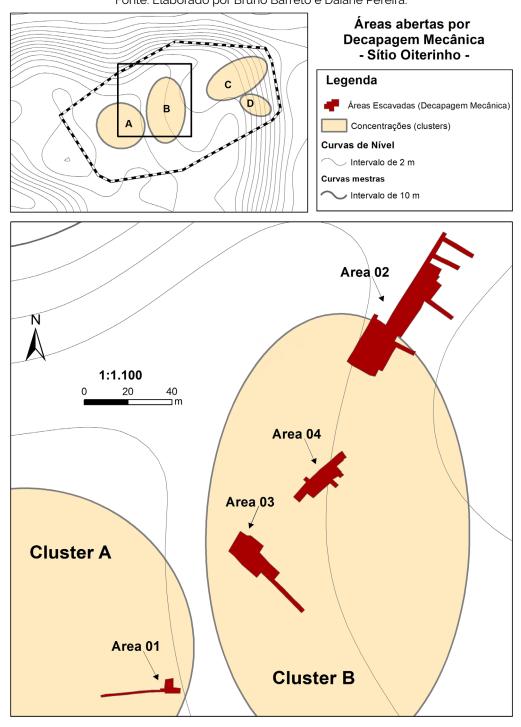
Figura 8. Registro das estruturas escavadas em desenhos de perfil e fotografias de topo para o posterior georreferenciamento da planta baixa da escavação.

Estrutura 39 N 0 S 40 cm Estrutura 39 10 20 10 Estrutura 43 30 cm 20 30 40 Estrutura 39 30 cm 58/02/50/82 10 PEABIRU 75:153 20 SITIO OITERINHO 30 cm Estrutura 52 Estrutura 219

Fonte: Registro feito por Bruno Barreto e Daiane Pereira.

Cada estrutura identificada foi registrada em fichas específicas. Durante sua escavação, foi feita a coleta de carvão e solo associado ao material arqueológico, enquanto outras informações são registradas em detalhe (como o desenho de perfil e descrições gerais). O registro foi feito por meio de desenhos de perfil, fotografias e descrições das estruturas em fichas individuais (Figura 8). No final das escavações, a localização espacial de cada uma destas ocorrências antrópicas foi registrada em coordenadas x/y/z com a estação total, a fim de gerar um croqui com a distribuição espacial de todas as estruturas no assentamento.

Figura 9. Disposição das áreas amostrais escavadas por decapagem mecânica. Fonte: Elaborado por Bruno Barreto e Daiane Pereira.



Total

233

Para registrar as coordenadas UTM de cada estrutura, foram definidos dois pontos de referência representados por piquetes fincados no solo em cada lado da estrutura, orientados na direção dos pontos cardinais. A distância entre os piquetes foi anotada tanto nos desenhos de perfil (Figura 8) e plano de topo feitos em papel milimetrado, quanto na ficha individual de descrição. A fotografia da vista de topo foi feita após o desenho (Figura 8), na qual ambos os piquetes estavam visíveis para possibilitar o georreferenciamento de cada estrutura com fins de reconstituir a planta baixa do sítio.

No total, foram abertas quatro áreas amostrais com o emprego de maquinário pesado, cuja soma totalizou 1418,22 m² (Figura 9). Das quatro áreas amostrais, a Área 2 foi a de maior abrangência, alcançando 868,22 m², enquanto as demais não passaram de 300 m², conforme demonstrado na tabela abaixo (Tabela 1).

 Área Amostral
 Abrangência
 Quantidade de Estruturas

 Área 1
 67,36 m²
 0

 Área 2
 868,49 m²
 141

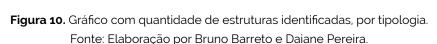
 Área 3
 286,20 m²
 42

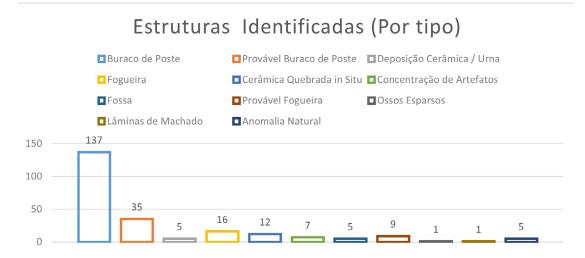
 Área 4
 196,17 m²
 50

Tabela 1. Áreas abertas por decapagem mecânica. Fonte: Bruno Barreto e Daiane Pereira

Fonte: Elaborado por Bruno Barreto e Daiane Pereira.

1418,22 m²





Ao final da campanha de escavação, foram identificadas 233 estruturas arqueológicas em três das quatro áreas escavadas, a maioria correspondente à buracos de poste, fogueiras e cerâmica quebrada *in situ* (Figura 10), o que indica tratar-se de um sítio habitação associado à cerâmica Aratu. A Área 1, de quase 68 m², não apresentou nenhuma estrutura negativa, mas apenas fragmentos cerâmicos dispersos na camada antropogênica.

Com base nessa ampla gama de dados contextuais, cuja localização de cada estrutura é sistematicamente registrada, a escavação com maquinário possibilitou a compreensão do sítio arqueológico do ponto de vista da organização espacial do assentamento, numa abordagem que combinou informações de um variado leque de vestígios. Esse viés nos permite discutir tanto o cotidiano (áreas de atividade) das populações que ocuparam o assentamento, quanto as possíveis mudanças culturais que podem ter ocorrido ao longo do tempo (com o suporte de datações radiocarbônicas).

A ARQUEOLOGIA DE UNIDADES DOMÉSTICAS E O SÍTIO OITERINHO

A maior parte das estruturas escavadas foram buracos de poste, vários deles com alinhamentos perceptíveis em campo. O uso de drones para fotografia aérea possibilitou observar vários desses alinhamentos, que estão sendo checados pelo processo de vetorização de toda a planta baixa da área escavada, o que permite também estabelecer relações entre as estruturas de habitação, fogueiras, áreas anexas e praças (Figura 11).

O layout da aldeia ainda é incipiente devido ao fato dessa ter sido a primeira escavação com a abertura de áreas muito amplas na região, o que dificulta comparativos com outros sítios, e mesmo pela escavação dessa grande área não ter alcançado a completude do assentamento. Novos dados estão sendo somados com o avançar das análises laboratoriais ainda em curso, e estão aprimorando a interpretação sobre as evidências espaciais coletadas. Das quatro áreas escavadas, a que possibilitou ter maiores informações sobre as casas foi a Área 2, devido à sua maior extensão (Figura 12) ter permitido evidenciar uma grande quantidade de buracos de poste, além de fogueiras, deposições de vasilhas e estruturas com cerâmicas quebradas *in situ*.

Pelo que foi possível constatar de forma preliminar a partir da escavação e do croqui disposto na Figura 13, a Área 2 trata-se de uma parte do sítio com espaços específicos compostos por concentrações de fogueiras ao sul e concentrações de deposições cerâmicas ao norte. As fogueiras estão situadas no limite dos alinhamentos de buracos de poste com uma área mais limpa que parece ser uma praça situada entre as unidades domésticas, onde os buracos de poste praticamente desaparecem e a quantidade de outras estruturas diminui consideravelmente. Já ao norte, parece haver um padrão de estruturas com cerâmicas quebradas (oriunda de diversas vasilhas) depositadas dentro de fossas, o que nos indica preliminarmente sua função como lixeiras para o descarte de cerâmica (Figura 14).

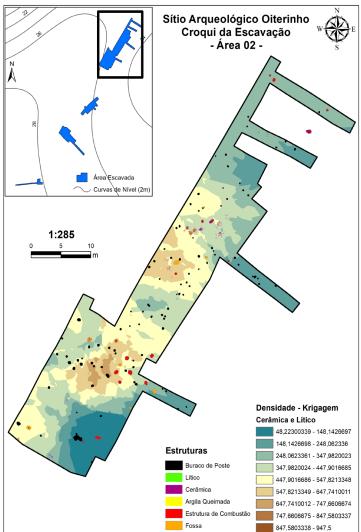
Figura 11. Foto aérea feita com drone na Área 2, onde é possível observar alguns alinhamentos de buracos de poste.

Fonte: Registro feito por Bruno Barreto e Daiane Pereira.

Figura 12. Foto aérea da escavação do sítio Oiterinho, com vista das Áreas 2, 4 e 3 (na ordem de cima para baixo). Fonte: Registro feito por Bruno Barreto e Daiane Pereira.



Figura 13. Croqui com a planta baixa da escavação na Área 2. Fonte: Elaborado por Bruno Barreto e Daiane Pereira.



Também na porção norte da Área 2, apareceram duas deposições de vasilhas Aratu colocadas deitadas em fossas escavadas no substrato (Figura 14). Esse padrão de deposição é muito distinto de outros sítios Aratu conhecidos, nos quais geralmente as vasilhas são depositadas em pé, porém também em fossas escavadas no substrato. Esse fato nos chama atenção para a necessidade de destacar os contextos de deposição como formas de variabilidade, tendo em vista que em muitos casos a atenção tem sido dada essencialmente para as tipologias cerâmicas.

Figura 14. À esquerda, estruturas de descarte identificadas na porção norte do sítio. À direita, urna Aratu depositada deitada em um fundo de fossa.

Fonte: Registro feito por Bruno Barreto e Daiane Pereira.



Na Área 3 havia uma menor densidade de artefatos na camada de ocupação (Figura 15). Foram identificadas seis fogueiras e uma deposição cerâmica composta por uma vasilha piriforme de pequenas dimensões, depositada de forma alinhada com duas fogueiras laterais. A disposição de buracos de poste não apresenta um padrão evidente, mas que com a ampliação do estudo pode gerar um dado importante para pensarmos a espacialidade do assentamento, especialmente com a análise das estruturas a partir da vetorização de cada feição em uma planta baixa.

A Área 4 (Figura 15) evidenciou uma alta densidade de artefatos na camada de ocupação, três fogueiras (uma dela composta por um aglomerado de lateritas), duas deposições cerâmicas (uma delas emborcada em um fundo de fossa), uma vasilha quebrada *in situ* e mais de quarenta buracos de poste. Na camada de terra preta foi coletada uma quantidade significativa de material lítico lascado, com suportes em pequenos seixos de quartzo hialino. O solo nessa área era muito mais escuro que nos demais locais escavados do sítio, o que pode indicar ser este um local de atividade doméstica muito recorrente, contendo ainda uma possível oficina de lascamento evidenciada pelos refugos encontrados.

Quanto às possíveis unidades domésticas, ao menos dois contextos apresentaram evidências espaciais que poderiam estar associadas às casas, embora a definição clara de um *layout* não esteja tão definida. Na Área 2, por exemplo, há uma concentração de pelo menos 21 buracos de poste, cujo diâmetro varia entre 10 e 40 cm (Figura 16). Os buracos de poste estão distribuídos em uma área de aproximadamente 10 × 8 m. No interior dessa concentração, há pelo menos duas fossas, e uma estrutura de combustão mais ao sul.

Três concentrações contendo fragmentos cerâmicos se situam próximo a uma dessas fossas e da fogueira. Na parte "exterior", ao norte dessa concentração de buracos de poste, há seis concentrações com uma grande quantidade de fragmentos cerâmicos, algumas delimitadas por fossas artificiais. Tais concentrações circundam uma fogueira e uma estrutura contendo vasilhas inteiras que foram depositadas quebradas, com grandes fragmentos preenchendo uma fossa em formato de elipse, mas sem ossos (Figura 16). Alguns alinhamentos de buracos de poste sugerem um *layout* retangular, ainda que a posição de outras feições alinhadas em formato circular pareça indicar que a casa estaria posicionada para o leste, em uma parte do sítio que não foi escavada.

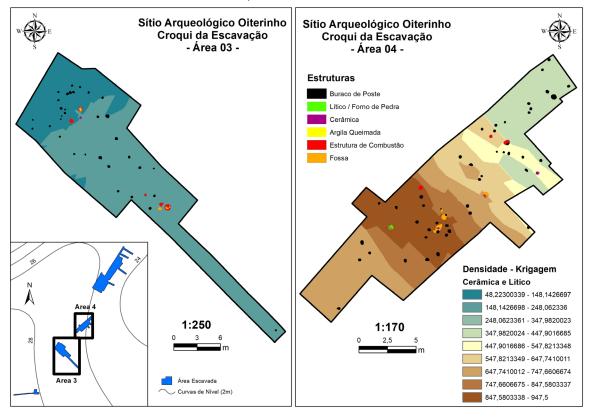


Figura 15. Croquis com a planta baixa da escavação nas Áreas 3 e 4. Fonte: Elaborado por Bruno Barreto e Daiane Pereira.

Já na Área 4, um outro padrão para a distribuição de buracos de poste também foi evidenciado. Trata-se de 18 buracos de poste com diâmetros variando de 15 a 37 cm, situados em uma área de $8 \times 5,6$ m (Figura 17). No seu interior, havia uma estrutura de deposição cerâmica, com uma vasilha emborcada no fundo de uma fossa, contendo evidências claras de bioturbação.

Na parte mais à oeste dessa concentração de buracos de poste, havia uma estrutura composta por uma grande quantidade de seixos agrupados, que estavam distribuídos em profundidade de até 20 cm a partir do seu topo, com diâmetro de 60 cm. Havia também uma pequena quantidade de carvão e alguns fragmentos cerâmicos (Figura 17a). Essa estrutura foi interpretada como um forno de pedra, dado a sua semelhança com outros contextos arqueológicos conhecidos nas Américas (VAN DEN BEL, 2010; BARRETO, 2015; THOMS, 2016; CARNEY *et al.*, 2022). Uma estrutura muito semelhante a essa foi descrita por Celso Perota (1979) na escavação do Monsarás, um sítio associado à cerâmica Aratu, localizado na foz do rio Doce. Ele identificou ao menos dois fornos de pedra, situados no interior de uma casa composta por pelo menos 12 buracos de poste situados nos seus limites externos, além de outros buracos de poste no entorno dos fornos. Assim como no contexto do sítio Monsarás, a localização dos buracos de poste externos dessa casa na Área 4 parece indicar uma planta baixa em formato de elipse.

A definição de um *layout* para as estruturas de habitação a partir de buracos de poste ainda é um desafio metodológico, uma vez que é difícil afirmar quais feições são mais ou menos contemporâneas. Talvez, o problema da contemporaneidade poderia ser parcialmente resolvido com a realização de datações radiocarbônicas para cada uma das feições escavadas, de forma a descartar aqueles buracos de poste foram feitos muito posteriormente. No entanto, o próprio método do radiocarbono tem suas limitações, pois seria necessário ter um desvio padrão muito curto para sabermos quais buracos de poste estariam associados ao evento de construção da casa.

Figura 16. Detalhe de uma concentração de buracos de poste na Área 2, com alguns alinhamentos visíveis e deposições cerâmicas ao norte da casa.

Fonte: Elaborado por Bruno Barreto e Daiane Pereira.

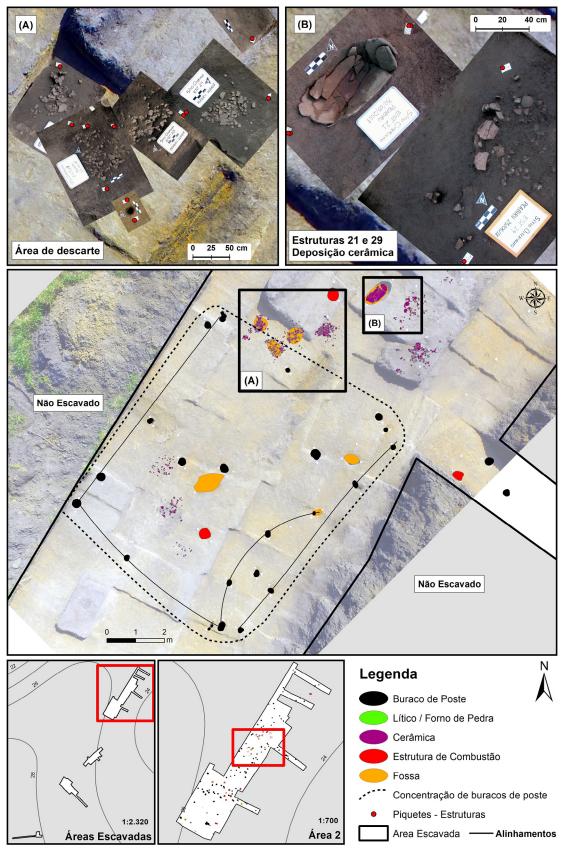
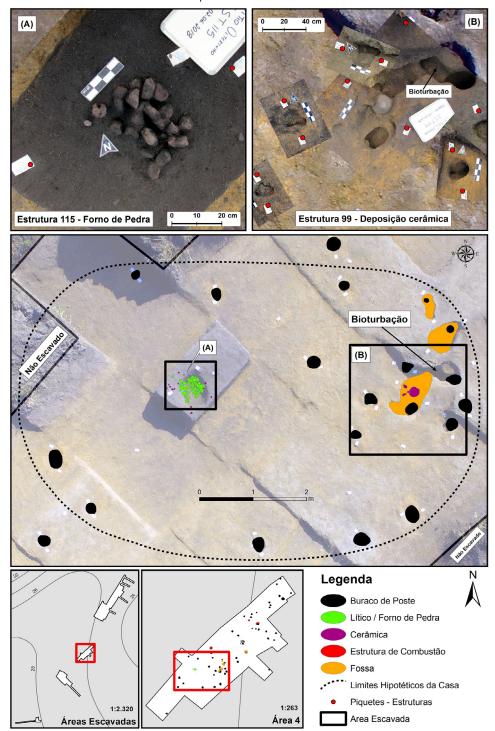


Figura 17. Detalhe de algumas estruturas interpretadas como parte de uma casa na Área 4, com *layout* possivelmente circular, contendo uma deposição cerâmica e um forno de pedra no interior.

Fonte: Elaborado por Bruno Barreto e Daiane Pereira.



Embora os dados ainda sejam preliminares, tendo em vista que a pesquisa está em curso, o desenvolvimento de análises laboratoriais da enorme quantidade de vestígios coletados e as observações em campo nos demonstram o grande potencial desta pesquisa para traçarmos inferências sobre a organização espacial do assentamento, bem como pela identificação de áreas de atividade. Tais informações são inéditas para região e para os contextos da Tradição Aratu, o que poderá trazer novas questões relativas à vida cotidiana das populações produtoras dessa cerâmica.

CONSIDERAÇÕES PARA UMA ARQUEOLOGIA DE UNIDADES DOMÉSTICAS NO BRASIL

A perspectiva das unidades domésticas consiste num viés inovador para a arqueologia précolonial brasileira, uma vez que muitas das pesquisas arqueológicas no país voltam-se para o estudo da materialidade cerâmica e lítica em escala regional. Se fizemos um levantamento dos trabalhos que incluem perspectivas da arqueologia espacial, são poucas as pesquisas que abordam o registro arqueológico por meio de uma visão ampla das aldeias.

De uma forma geral, a arqueologia brasileira tem produzido pouca informação sobre como eram as casas pré-coloniais, como elas funcionavam e qual o seu papel na vida cotidiana dentro dos espaços domésticos. Quando se trata de casas vistas a partir de estruturas de buracos de poste, algumas das abordagens conhecidas foram desenvolvidas no Amapá (BARRETO, 2015; SILVA, 2016; SALDANHA, 2017), no baixo rio Urubu (BASSI, 2016), e em sítios palafíticos da baixada maranhense (NAVARRO, 2022), ainda que esses últimos estejam associados às plataformas de maiores dimensões. Outras abordagens também foram desenvolvidas a partir das casas subterrâneas em sítios situados nas terras altas do sul do país (SALDANHA, 2005; SOUZA *et al.*, 2016), embora nesses casos os seus limites já estejam delimitados pela própria feição da casa escavada no solo, o que facilita sua identificação. Para contextos da arqueologia Guarani no sul do Brasil, Milheira (2010) e Schneider (2019) também trabalharam com estruturas de habitação por meio da padronização espacial de vestígios, sem necessariamente definir o *layout* das casas com ajuda de alinhamentos de buracos de poste.

Além de compreender as atividades cotidianas permeadas no interior de casas e assentamentos, a arqueologia de unidades domésticas, conforme aponta Tringham (2001), não pode ser considerada como um fim em si mesma, mas deve ser entendida como um meio para compreender as trajetórias e dinâmicas sociais no passado (SAMSON, 2013). Em maior medida, a *Household Archaeology* pode nos dar outras dimensões de variabilidade para pensar a Tradição Aratu, principalmente, porque o que temos utilizado para comparar é essencialmente a cerâmica e essa tem se mostrado homogênea em termos morfológicos, por uma extensão territorial muito ampla.

Para realizar essa perspectiva é necessário comparar dados disponíveis de regiões, aldeias e casas. Essas informações, articuladas em escala regional nos possibilitariam entender quais elementos permanecem e quais variam ao longo de diferentes áreas onde a cerâmica Aratu está presente, bem como as atividades cotidianas permeadas em cenários específicos. Tal perspectiva só poderá ser efetivada por meio de escavações em áreas muito amplas, que nos permitam evidenciar muitas estruturas de habitação em larga escala. Sem dúvida, a decapagem mecânica é o melhor meio de alcançar tais objetivos, especialmente se executada em projetos de arqueologia preventiva. É essencial destacar que a metodologia, assim como qualquer ação de escavação, por ser irreversível e envolver a preservação do patrimônio arqueológico, deve ser empregada após muito estudo e experiência com o método.

Os resultados obtidos para o sítio Oiterinho são preliminares. A grande quantidade de vestígios e informações coletadas numa escavação dessa magnitude, tem demandado longos períodos de estudo em laboratório. Dessa forma, ainda existe a necessidade de conduzir análises espaciais mais detalhadas da planta baixa em relação aos vestígios associados, em todas as áreas escavadas, bem como análises dos vestígios arqueológicos em geral, como datações radiocarbônicas, análises de solo, macro e micro vestígios botânicos.

No entanto, a escavação realizada representa hoje a maior área já aberta em um sítio associado à cerâmica Aratu e, dessa forma, demonstra o pioneirismo no emprego dessa metodologia, que pode servir como parâmetro para o teste de hipóteses em outras regiões nas quais esse material está presente, como forma de conduzir uma arqueologia preventiva baseada em problemas de pesquisa previamente orientados.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos imensamente à toda equipe de arqueólogos, arqueólogas e trabalhadores que participaram da campanha de escavação do sítio Oiterinho, pela parceria e pela dedicação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALLISON, Penelope. The Archaeology of Household Activities. London: Routledge, 1999.
- BARRETO, Bruno de Souza. Diacronia e cultura material no sítio Laranjal do Jari 01: um assentamento associado às cerâmicas Jari e Koriabo, baixo rio Jari, sul do Amapá (750 1450 AD). Dissertação (Mestrado em Arqueologia) Universidade Federal de Sergipe, Laranjeiras, 2015.
- BARRETT, John C. Defining Domestic Space in the Bronze Age of Southern Britain. *In*: PEARSON, Michael Parker; RICHARDS, Colins. *Architecture and Order:* Approaches to Social Space. New York: Routledge, 1994.
- BASSI, Filippo Stampanoni. A Maloca Saracá: uma fronteira no médio Amazonas pré-colonial, vista da perspectiva de uma casa. Tese (Doutorado em Arqueologia) Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.
- BAILEY, Douglas W. The Living House: Signifying Continuity. *In*: SAMSON, Ross. *The Social Archaeology of Houses*. Edinburgh: Edinburg University Press, 1990.
- BLANKHOLM, Hans Peter. Intrasite Spatial Analysis in Theory and Practice. Aarhus: Aarhus University Press, 1991.
- BLANTON, Richard. Houses and Households: A Comparative Study. New York: Plenum, 1994.
- CABRAL, Mariana Petry; SALDANHA, João Darcy de Moura; LEITE, Lúcio Flávio Siqueira Costa. *Prospecção arqueológica e educação patrimonial junto às obras da UHE Cachoeira-Caldeirão 1º Relatório Parcial.* Macapá: Instituto de Pesquisas Científicas e Tecnológicas do Estado do Amapá (IEPA), 2013a.
- CABRAL, Mariana Petry; SALDANHA, João Darcy de Moura; LEITE, Lúcio Flávio Siqueira Costa. *Prospecção arqueológica e educação patrimonial junto às obras da UHE Cachoeira-Caldeirão Relatório Final de Prospecção junto ao canteiro de Obras*. Macapá: Instituto de Pesquisas Científicas e Tecnológicas do Estado do Amapá (IEPA), 2013b.
- CABRAL, Mariana Petry; SALDANHA, João Darcy de Moura; LEITE, Lúcio Flávio Siqueira Costa. Relatório preliminar do projeto de resgate arqueológico junto ao canteiro de obras da UHE Cachoeira Caldeirão Resgate do sítio arqueológico "EDP". Macapá: Instituto de Pesquisas Científicas e Tecnológicas do Estado do Amapá (IEPA), 2013c.
- CALDARELLI, Solange Bezerra. O emprego de maquinário pesado na pesquisa arqueológica por contrato. *Revista do CEPA*, Santa Cruz do Sul, v. 25, n. 33, p. 81-90. 2001.
- CARNEY, Molly; GUEDES, Jade d'Alpoim; WOHLGEMUTH, Eric; TUSHINGHAM, Shannon. Bulbs and Biographies, Pine Nuts and Palimpsests: Exploring Plant Diversity and Earth Oven Reuse at a Late Period Plateau Site. *Archaeological and Anthropological Sciences*, Oklahoma, v. 14, p. 1-65. 2022.
- COSTA, Fernando Walter da Silva. Arqueologia das Campinaranas do Baixo Rio Negro: em busca dos pré-ceramistas nos areais da Amazônia Central. Tese (Doutorado em Arqueologia) Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, 2009.
- CLARKE, David. Spatial Archaeology. New York: Academic, 1977.
- DEMOULE, Jean-Paul. Rescue Archaeology: A European View. Annual Review of Anthropology, San Mateo, v. 1, n. 41, p. 611-626, 2012.
- FLANNERY, Kent V. The Early Mesoamerican Village. London: Academic, 1976.
- FLANNERY, Kent V.; WINTER, Marcus C. Analyzing Household Activities. *In*: FLANNERY, Kent. *The Early Mesoamerican Village*. London: Academic, 1976.
- GERRITSEN, Fokke. Archaeological Perspectives on Local Communities. *In*: BINTLIFF, John. *A Companion to Archaeology*. Oxford (UK): Wiley-Blackwell, p. 141-154, 2004.

- HILDEBRAND, Matthieu. *Saut-Saillat*: Une Occupation diachronique sur berge haute (Guyane Française). Rapport de fouille. Cayenne: INRAP, 2008.
- HOFMAN, Corine; HOOGLAND, Menn. Connecting Stakeholders: Collaborative Preventive Archaeology Projects at Sites Affected by Natural and/or Human Impacts. Leiden: Leiden University, 2016.
- KENT, Susan. Method and Theory for Activity Area Research: An Ethnoarchaeological Approach. Columbia: Columbia University Press, 1987.
- KREKOVIČ, Eduard; BAČA, Martin. Marxism, Communism and Czechoslovak Archaeology. *Anthropologie*, Brno, 2012.
- KUNA, Martin.; SMRZ, Zdeněk. The Past and the Present of Large-Scale Excavations in the Czech Republic. In: BOFINGER, Jorg; KRAUSSE, Dirk. Large-Scale Excavations in Europe: Fieldwork Strategies and Scientific Outcome. Budapest: Aduprint, 2012.
- MALRAIN, François. Silence au fond des vallées. Archéopages, Paris, p. 118-120, 2008
- MELLO, Paulo Jobim Campos; RUBIN, Julio César Rubin de; BARBOSA, Maria do Socorro. Projeto de levantamento e regate do patrimônio arqueológico da ADA pela PCH Costa Rica (MS). *In:* SIMPÓSIO DE POLÍTICA NACIONAL DE MEIO AMBIENTE E PATRIMÔNIO CULTURAL, 1994, Goiânia. *Anais* [...] Goiânia: Universidade Católica de Goiás, 1994.
- MELLO, Paulo Jobim Campos; VIANA, Síntia; RUBIN, Julio César Rubin de; SILVA, Rosiclér; MELO, Jonas; LOPES, Eliane. Projeto de levantamento e resgate do patrimônio arqueológico da ADA pela UHE Corumbá (GO). *In:* FORUM DE PESQUISAS DA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS, 5., 1996, Goiânia. *Anais* [...] Goiânia: Universidade Católica de Goiás, 1996.
- MILHEIRA, Rafael Guedes. *Arqueologia Guarani no litoral sul-catarinense: história e território*. Tese (Doutorado em Arqueologia) Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.
- MILISAUSKAS, Sarunas. An Analysis of Linear Culture Longhouses at Olszanica B1, *Poland. World Archaeology 4*, London, v. 4, n. 1, p. 57-74, 1972.
- MILISAUSKAS, Sarunas. Investigation of an Early Neolithic Community in Poland. *Current Anthropology 14*, London, v. 14, n. 3, p. 287-290, 1973.
- MILISAUSKAS, Sarunas. Olszanica: an Early Farming Village in Poland. *Archaeology 29*, London, v. 29, n. 1, p. 30-41, 1976.
- MILISAUSKAS, Sarunas. Historical observations on archaeology in the Polish People's Republic, 1945-1989. In: LOZNY, Ludomir. Archaeology of the communist era: a political history of archaeology of the 20th century. Springer: New York, 2017.
- NAVARRO, Alexandre Guida. As pequenas Venezas Americanas: revisitando as moradias de palafitas nas terras baixas da América do Sul. *Revista de Arqueologia*, Pelotas, v. 35, n. 2, p. 85-120, 2022.
- PEARSON, Michael Parker; RICHARDS, Colin. Ordering the World: Perceptions of Architecture, Space and Time. *In*: PEARSON, Michael Parker; RICHARDS, Colin. *Architecture and Order*: Approaches to Social Space. New York: Routledge, 1994a.
- PEROTA, Celso. Sítio Monsarás: evidências arqueológicas. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1979.
- PLUCKHAHN, Thomas. Household Archaeology in the Southeastern United States: History, Trends and Challenges. *Journal of Archaeological Research*, London, v. 18, n. 4, p. 331-385, 2010.

- ROSTAIN, Stéphen; VERSTEEG, Aad. The Archaeology of Aruba: The Tanki Flip site. Oranjestad. *New West Indian Guide*, London, v. 73, n. 3/4, p. 171-173, 1997.
- SALDANHA, João Darcy de Moura. Paisagem, Lugares e Cultura Material: uma arqueologia espacial nas terras altas do sul do Brasil. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) Pontifícia Universidade Católica, Rio Grande do Sul, 2005.
- SALDANHA, João Darcy de Moura; CABRAL, Mariana Petry. *Relatório Final*: projeto de Levantamento e Resgate Arqueológico na Área da Mina do Projeto Ferro Amapá (MMX). Macapá: Instituto de Pesquisas Científicas e Tecnológicas do Estado do Amapá (IEPA), 2009a.
- SALDANHA, João Darcy de Moura; CABRAL, Mariana Petry. Relatório preliminar de resgate do sítio arqueológico Laranjal do Jarí I. Macapá: Instituto de Pesquisas Científicas e Tecnológicas do Estado do Amapá (IEPA), 2009b.
- SALDANHA João Darcy de Moura; CABRAL, Mariana Petry. Projeto de resgate arqueológico no sítio Laranjal do Jari 02, Laranjal do Jari (AP) (Relatório Final). Macapá: Instituto de Pesquisas Científicas e Tecnológicas do Estado do Amapá (IEPA), 2013.
- SAMSON, Alice. Household Archaeology in the Pre-Columbian Caribbean. *In*: KEEGAN, William; HOFMAN, Corinne; RAMOS, Reniel Rodriguez (ed.). *The Oxford Handbook of Caribbean Archaeology*. Oxford (UK): Oxford University, 2013.
- SCHNEIDER, Fernanda. Poder, transformação e permanência: a dinâmica de ocupação Guarani na bacia do rio Taquari-Antas, Rio Grande do Sul, Brasil. Tese (Doutorado em Ambiente e Desenvolvimento) – Universidade do Vale do Taquari, Lajeado, 2019.
- SEIBERT, Jeffrey. Introduction. *In*: ROBERTSON, Elizabeth; SEIBERT, Jeffrey; FERNANDEZ, Deepika; ZENDER, Marc. *Space and Spatial Analysis in Archaeology*. Calgary: University of Calgary Press, 2006.
- SILVA, Michel Bueno Flores da, NEVES, Eduardo Goes. Aldeias e organização espacial dos povos produtores da cerâmica Aristé: contribuições para uma arqueologia das unidades habitacionais na costa atlântica do Amapá. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.
- SOUDSKÝ, Bohumil. The Neolithic site of Bylany. Antiquity, Cambridge, v. 36, n. 143, p. 190-207, 1962.
- SOUDSKÝ, Bohumil. Bylany: osada nejstarších zemědělců z mladší doby kamenné. Praha: Academia, 1966.
- SOUZA, Jonas Gregório de; ROBINSON, Mark; CORTELETTI, Rafael; CÁRDENAS, Macarena Lucia; WOLF, Sidnei; IRIARTE, José *et al.* Understanding the Chronology and Occupation Dynamics of Oversized Pit Houses in the Southern Brazilian Highlands. *Plos One*, Cambridge, v. 11, n. 7, p. 287-290, 2016.
- SOUVATZI, Stella. *A Social Archaeology of Households in Neolithic Greece*: an Anthropological Approach. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.
- THOMS, Alston. Burned-Rock Features. Encyclopedia of Geoarchaeology, New York, p. 89-94, 2016.
- TRINGHAM, Ruth. Household Archaeology. In: SMELSER, Neil; BALTES, Paul. International Encyclopedia of the Social and Behavioral Sciences. Oxford (UK): Pergamon, 2001.
- VACHER, Stéphane; JÉRÉMIE, Sylvie; BRIAND, Jérôme. *Amérindiens du Sinamary (Guyane)*: archéologie em fôret equatoriale. Documents d'archéologie française. Paris: Maison des sciences de l'Home, 1998. v. 70.
- VAN DEN BEL, Martijn. *Crique Sparouine*: un site amérindien de hauter dans l'arrière pays du Bas Maroni, Saint Laurent du Maroni, Guyane Française. Rapport d'operation. Cayenne: INRAP, 2007.
- VAN DEN BEL, Martijn. A Description of Late-Archaic Rock-Filled Pits in French Guiana. Revista de Arqueologia, Pelotas, v. 23, n. 1, p. 60-71, 2010.

- VAN DEN BEL, Martijn. Chemin Saint-Louis. Rapport d'operation. Cayenne: INRAP, 2011.
- WILLEY, Gordon. Prehistoric Settlement Patterns in the Virú Valley, Peru. Washington, DC: Bureau of American Ethnology, 1953.
- WINTER, Marcus. The archaeological Household Cluster in the valley of Oaxaca. *In*: FLANNERY, Kent. *The Early Mesoamerican Village*. London: Academic, 1976.
- WILK, Richard; RATHJE, William. Household Archaeology. *American Behavioral Scientist*, New York, v. 25, n. 6, p. 617-639, 1982.
- WOLLÁK, Katalin; RACZKY, Pál. Large-Scale Preventive Excavations in Hungary. *In*: BOFINGER, Jorg; KRAUSSE, Dirk (ed.). *Large-Scale Excavations in Europe*: Fieldwork Strategies and Scientific Outcome. Budapest: Aduprint, 2012.